



Tanzânia: “Só em Deus descansa a minha alma, dele vem a minha esperança.” (Sl 62, 6)



30 Anos da Fundação AIS em Portugal | 1995-2025

Queridos amigos,

Recentemente, uma benfeitora abordou-me com as seguintes palavras: “Há décadas que fazemos donativos para África. Mas para que é que isso serve? Os vossos relatórios mostram que a miséria continua, apesar de toda a ajuda, e que até está a aumentar. Não será África um saco sem fundo? O nosso empenho não será inútil?” A preocupação de que a sua vontade de ajudar pudesse ser em vão e também a tentação de se demitir eram bem perceptíveis.

Quando lhe contei o que vemos e ouvimos quase diariamente na Fundação AIS, ela mudou radicalmente de opinião e em poucos minutos. Contei-lhe com satisfação aquilo que os nossos parceiros de projectos e os nossos colaboradores relatam: como testemunham a alegria e a esperança de muitos milhares de pessoas, por exemplo, pela consagração numa igreja recém-construída; por um novo centro comunitário que torna possível a vida eclesial em comunidade; por um veículo há muito esperado que permitirá ao padre chegar a muito mais pessoas; ou ainda quando crianças e jovens podem frequentar a escola apesar das desloca-

ções e dos êxodos; quando ajudamos religiosas a cuidar de deslocados internos; e muito mais... Podemos sempre experimentar o quanto a vossa disponibilidade em ajudar traz alegria, esperança e vida - no meio de situações difíceis.



“O dom do amor traz uma esperança que é preciosa porque exprime o amor de Deus.”

É claro que também somos confrontados com a realidade de que, nalgumas zonas, as condições se estão a deteriorar, apesar de toda a ajuda. Mas é precisamente aí que a nossa vontade de ajudar dá confiança a essas pessoas que já quase não têm esperança! Como é encorajador para elas saberem que não estão esquecidas, que há alguém que pensa nelas, que reza por elas e que lhes dá uma ajuda concreta. O dom do amor traz uma esperança ao destinatário que é preciosa porque vai para além da ajuda material e exprime, em última análise, o amor de Deus.

Em “*Spe Salvi*”, o Papa Bento XVI fala da esperança como uma “força curativa” que leva o crente para além do sofrimento. Sublinha que a verdadeira esperança não reside em evitar o sofrimento ou em promessas mundanas de segurança, mas na transformação do sofrimento através da fé em Cristo. Esta esperança não se mede por padrões terrenos, mas tendo em vista a vida eterna, que se baseia na Ressurreição de Cristo.

Para o Ano Jubilar que começou no Natal, o Papa Francisco escolheu como título da sua bula de proclamação do Jubileu: “A esperança não engana”.

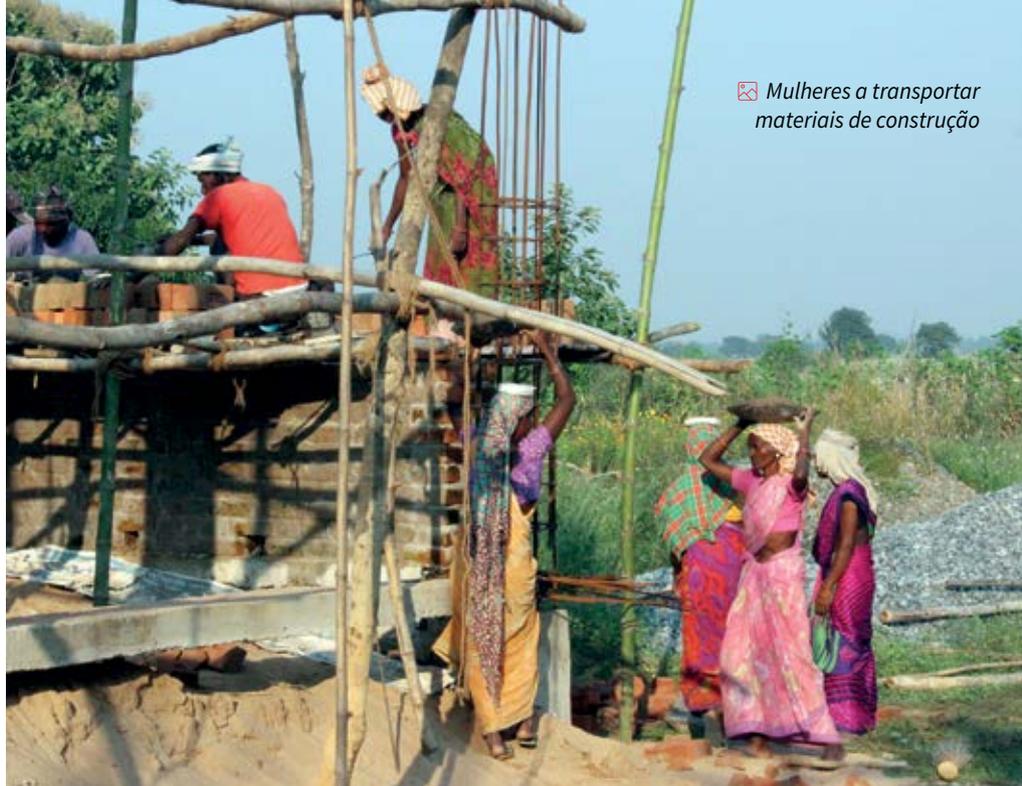
É uma mensagem para todos nós: no nosso mundo, onde vivemos muitas incertezas e dificuldades, a esperança cristã continua a ser o fundamento inabalável que transporta o crente para além de todo o sofrimento em direcção à vida eterna.

Com os melhores votos de um ano jubilar de 2025 cheio de Graça,

P. Anton Lässer CP
Assistente Eclesiástico

Seríamos nós capazes de tais sacrifícios?

Na Paróquia de Gudrapara, situada nas profundezas da selva no estado de Orissa, no Leste da Índia, um grupo de fiéis dá-nos uma lição de coragem e fé inabaláveis. Estes habitantes, mergulhados numa realidade de pobreza extrema, enfrentam diariamente desafios inimagináveis – mas é o amor à Igreja que os faz ultrapassar todos os limites



A vida na selva é árdua. Muitos subsistem da agricultura tradicional ou da caça e recolção. É comum os elefantes invadirem as aldeias, derrubarem cabanas e roubarem o arroz armazenado – um bem precioso e muitas vezes escasso. Para estes fiéis, até a prática da sua fé é marcada por sacrifícios. No passado, caminhavam até 15 km por montanhas e terrenos perigosos para assistir à Missa. Mulheres e raparigas eram frequentemente vítimas de assédio ou violência sexual por parte dos condutores de camiões.

Por isso, e unidos pela força da fé, construíram uma cabana simples com varas de madeira, bambu e barro, coberta por erva, para se reunirem para rezar. Infelizmente, o tempo foi implacável, e há quatro anos que este humilde refúgio desmoronou. Desde então, os habitantes tentam erguer um edifício mais resistente.

Sacrifícios comoventes

Uma vez por semana, estas pessoas abdicam do pouco que têm para contribuir. Fazem tijolos de barro, cortam madeira da floresta e juntam dinheiro para comprar cimento e outros materiais de construção. Mas os recursos são escassos, e a tarefa tem-se revelado maior do que as suas forças.

O Bispo Niranjan Sual Singh, ao visitar Gudrapara, testemunhou esta realidade com os próprios olhos. “Os seus rostos exaustos, a luta diária para sobreviver na selva e o facto de estarem a abdicar de parte do seu rendimento para construir a igreja tocaram-me profundamente. Por isso, venho pedir-vos ajuda”, partilhou.

A pergunta que fica é: seríamos nós capazes de um gesto tão generoso?

Juntos, podemos fazer a diferença e mostrar que, apesar das adversidades e da distância, a solidariedade é uma ponte que une corações



Com apenas **12.300€**, é possível terminar esta obra e dar a esta comunidade um local digno onde possam celebrar a sua fé. É uma oportunidade de transformarmos os seus sacrifícios em esperança.



Grande parte do **Mali** está sob o controlo de jihadistas. Muitas famílias cristãs estão a fugir do terror para a capital Bamako, onde estão a surgir novos bairros de lata.

No bairro de Sangarebougou, sob um sol abrasador de 40 graus, jovens reúnem-se para a catequese, sentados ao ar livre, sem sombra, instalações sanitárias ou dignidade.

A paróquia sonha construir um espaço para catequese, cursos de alfabetização e actividades sociais. Um abrigo que ofereça às crianças e jovens uma base espiritual e moral, ajudando as famílias a reconstruir as suas vidas espiritualmente.

Com **48.500€**, podemos transformar este sonho em realidade. Com a sua ajuda estes fiéis poderão ter brevemente um tecto para se reunirem e louvarem a Deus.

Sem estas avós, a fé ter-se-ia apagado

“A minha avó ensinou-me a rezar” ou “Só a minha avó me falava de Deus” - é frequente ouvir frases como estas quando padres, religiosos ou simples fiéis das antigas repúblicas soviéticas falam do seu percurso de fé. Actualmente, a maioria destas “babushki” já morreu. Mas a sua vida calma e modesta está a dar frutos.

O Bispo D. Yevgeniy Zinkovskiy, do Cazaquistão, e a sua irmã gémea Vera, que é religiosa, são duas dessas pessoas que devem tanto a sua fé como a sua vocação à avó, uma grande devota de Maria. Ela vive em Ozjornoe e, já curvada pela idade, caminha ainda diariamente para o santuário mariano, que foi construído em 1990, após a queda do comunismo.

No entanto, Nossa Senhora é venerada há muito mais tempo: durante a Segunda Guerra Mundial, os fiéis pediram a Maria que pusesse fim à fome devastadora. A 25 de Março de 1941 - na festa da Anunciação - aconteceu um milagre: de repente, as temperaturas subiram e a neve derreteu rapidamente. Formou-se um lago cheio de peixes. Isto pôs fim à fome.

Bronislawa, da Lituânia, também rezou o terço durante toda a vida. Quando era jovem, foi condenada a pena de prisão e trabalhos forçados por alegadas “actividades contra-revolucionárias”.

A viagem para a longínqua Sibéria pareceu-lhe quase interminável. Como católica, foi particularmente doloroso para ela não ter o terço consigo.

Mas a necessidade aguça o engenho: fez pequenas contas com miolo de pão, que misturou com cinzas, e enfiou-as num fio que tinha tirado cuidadosamente da sua roupa de cama. Também fez uma cruz: recortou a sua forma numa barra de sabão e pressionou nela a mistura de pão. Escondeu o terço na bainha da sua roupa. Enquanto rezava, instruía secretamente outros prisioneiros na fé. Enquanto milhões de pessoas morreram nos terríveis campos de trabalhos forçados, Bronislawa sobreviveu à prisão e constituiu família em Magadan, não muito longe do local onde tinha estado presa. O seu testemunho tocou muitas pessoas. **Foram também as avós que, durante os tempos da perseguição, rezavam clandestinamente nos cemitérios com outros fiéis e baptizavam as crianças, preparando assim o dia em que um padre voltaria, finalmente, a celebrar a Santa Missa.**

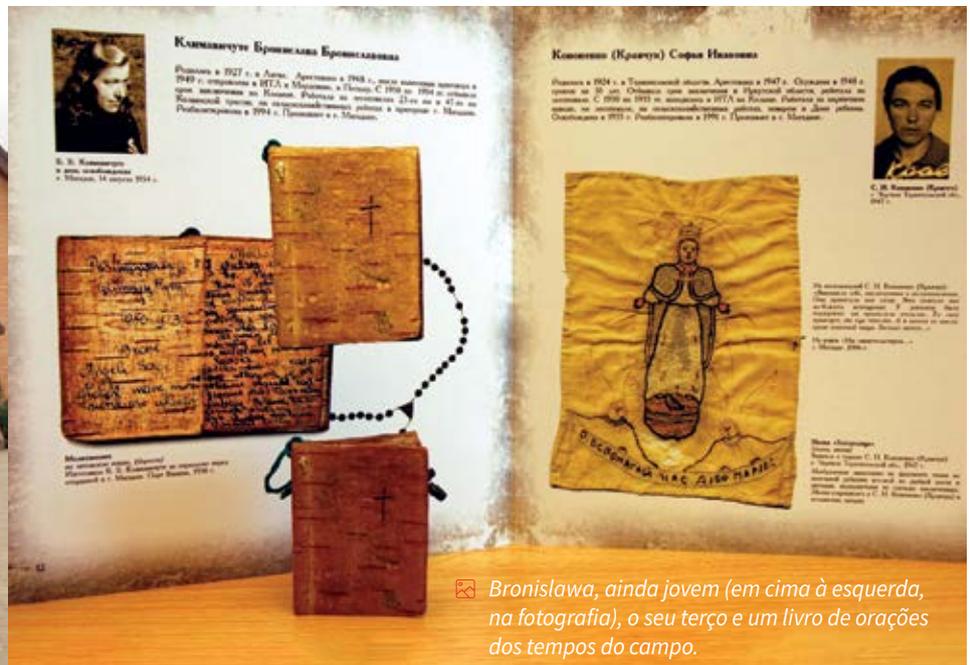


☒ 1990: Idosas a ajudar na construção do Santuário de Ozjornoe.



Muitos tiveram de esperar décadas por isso. Sem o seu testemunho silencioso, mas corajoso e fiel, a chama da fé ter-se-ia apagado, em tempos sombrios. Gostaríamos de lhes erigir aqui um memorial.

☒ A avó do Bispo D. Yevgeniy e da Irmã Vera (à esquerda) com uma amiga, depois da Missa diária.



☒ Bronislawa, ainda jovem (em cima à esquerda, na fotografia), o seu terço e um livro de orações dos tempos do campo.



Costumava ir pescar com o avô e agora será pescador de homens

Mais de 600 km separam Santa Isabel do Rio Negro, nas profundezas da Amazônia, do Seminário de São José, em Manaus. Contudo, para Rolisson Afonso, a distância não é só física. É um percurso de transformação, fé e sacrifício que começou ainda em criança, inspirado pelos avós.

Foi naquela cidade ribeirinha que começou a viagem de Rolisson para o seminário. As memórias dos seus dias na Amazônia ainda estão muito presentes. *“Nasci em Manaus, mas a minha mãe era muito nova para tomar conta de mim e tinha dificuldades financeiras, por isso mandaram-me ir viver com os meus avós em Santa Isabel do Rio Negro. Os meus avós eram católicos devotos. Mal sabiam ler e escrever, mas rezávamos todos os dias, meditávamos sobre o Evangelho, rezávamos o terço e íamos à Missa todos os Domingos”,* recorda.

Uma das suas memórias mais vivas é de ir pescar com o avô no rio. *“O rio era o coração da comunidade: um local de sustento, diversão e conexão. Remávamos horas a fio para garantir comida para casa. Nesses momentos, aprendi muito sobre a paciência e o trabalho em equipa.”*

Rolisson tinha apenas 12 anos quando, deitado numa rede com a avó, lhe confessou: “Quero ser padre.” Encantavam-no as vestes e o ritual. No entanto, quando se soube, começou a ser gozado

pelos amigos e pôs a ideia de lado, e a vida afastou-o deste caminho.

Os desvios e o reencontro com Deus

A adolescência foi marcada por festas e excessos, mas os avós estiveram sempre lá para ele. *“Na altura, não percebia a desilusão dos meus avós, mas a sua fé silenciosa sempre me acompanhou.”*

Acabou por se mudar para Manaus, a fim de continuar os estudos, e viver com a mãe e os irmãos, que são evangélicos. As perguntas sobre a sua fé católica levaram-no a procurar respostas. *“A minha mãe e os meus irmãos faziam-me muitas perguntas sobre a minha fé católica, mas eu não conseguia responder. Então, fui à procura e descobri uma comunidade perto da minha casa. Envolvi-me e juntei-me a um grupo de jovens. Foi o início do meu regresso.”* Ironicamente, esta mudança para longe dos seus avós católicos foi o que o colocou de volta no caminho para a Igreja.

Mais tarde acabou por arranjar um emprego mas, inspirado por uma conversa com a avó, percebeu o quanto as comunidades ribeirinhas necessitavam de sacerdotes.

“A minha avó contou-me que algumas das comunidades ribeirinhas no rio Amazonas só são visitadas pelo padre uma vez por ano, ou uma vez por mês. Ele chega, celebra a Missa e depois regressa à cidade. Esta é uma das razões pelas quais quero ser padre, para levar os sacramentos, o Evangelho a estas pessoas e para os servir nas suas necessidades”, contou-nos Rolisson.

Deixar um emprego estável, numa região onde há muito desemprego e onde a Igreja também é muito pobre, e entrar no seminário foi uma decisão difícil. *“Foi um salto no escuro, mas sabia que era o caminho*



Hoje, Rolisson é um dos vários seminaristas que estudam no Seminário de São José, apoiados pelos benfeitores da Fundação AIS.

MILHARES DE SEMINARISTAS EM TODO O MUNDO CONTAM COM O SEU APOIO!

APOIE UM
SEMINARISTA
DA IGREJA
PERSEGUIDA
E MAIS
NECESSITADA
ELES SÃO O
FUTURO DA
IGREJA.



“QUERO SER PESCADOR DE HOMENS”

O seminário conta agora com muitos estudantes, incluindo representantes de várias comunidades indígenas, que ajudarão a adaptar a língua do Evangelho às suas próprias realidades sociais e culturais.

Rolisson emociona-se ao lembrar o papel dos avós na sua caminhada. *“Eles foram o meu porto seguro, o exemplo de fé que me moldou. Sem eles, não estaria aqui.”*

Ao ler passagens do Evangelho sobre pesca, sente-se ligado à sua infância e à missão de ser “pescador de homens”.

“Assim como Jesus caminhava pelas margens do Mar da Galileia, chamando os Seus discípulos, que eram pessoas simples, para serem pescadores de homens, Ele também nos chama a nós e as comunidades ribeirinhas para sermos Seus discípulos e proclamarmos o Evangelho.”

E, tal como qualquer pescador precisa de equipamento para exercer a sua profissão, também estes novos pescadores de homens que são chamados a evangelizar as regiões amazônicas precisam desde formação até bens materiais, como barcos para melhor chegar aos seus rebanhos. Isto é precisamente o que a Fundação AIS ajuda a providenciar, com a sua ajuda!

“Obrigado por nos ajudarem”

“Gostaria de agradecer a todos os benfeitores da Fundação AIS por nos ajudarem e pedir-lhes que continuem a fazê-lo, para que possamos ter mais sacerdotes para a nossa Amazônia, para todo o mundo, e continuar a levar a Eucaristia e o nosso trabalho pastoral para as comunidades mais pobres e remotas do mundo.”

Seminarista Rolisson Afonso

APOIE UM SEMINARISTA NA SUA **VOCAÇÃO**

Todos os anos a Fundação AIS apoia mais de 11.000 seminaristas em todo o mundo.

Ajude estes milhares de jovens a tornarem-se os futuros sacerdotes que levarão Jesus à humanidade.

VAMOS APOIÁ-LOS NA SUA FORMAÇÃO?

1 EM CADA 10 SEMINARISTAS EM TODO O MUNDO É APOIADO PELA FUNDAÇÃO AIS

Sim, quero apoiar um seminarista!

- 30€** **60€** **120€** **360€** **720€** **1.440€** **2.880€**
- 1 Semana 2 Semanas 1 Mês 1 Trimestre 1 Semestre 1 Ano 2 Anos

POR FAVOR, APOIE HOJE MESMO UM SEMINARISTA. ELES DEPENDEM UNICAMENTE DE NÓS!

O seu donativo será aplicado directamente na sua formação e subsistência.

Ele não se esquecerá de si nas suas orações!

"Obrigado benfeitores de Portugal!"



Construção de duas novas capelas no Maláui

Em várias aldeias, os fiéis construíram pequenas capelas para se reunirem em oração, muitas vezes usando materiais simples como argila. Contudo, essas estruturas frágeis já não conseguiam servir as crescentes comunidades. Na Paróquia de Benga, duas aldeias enfrentavam necessidades urgentes: em Lachule, onde as famílias católicas passaram de 12 para 55, a antiga capela de colmo estava em ruínas e era demasiado pequena, e em Njiza, a capela, sem fundações sólidas, desabou, deixando 20 famílias sem lugar de culto. O Arcebispo de Lilongwe confiou-nos esta intenção com insistência porque os habitantes desta região abandonada precisavam urgentemente de ajuda, o que inclui alimentar a sua esperança na oração comunitária.

O seu pedido não ficou sem resposta: graças aos benfeitores da Fundação AIS, que contribuíram com 17.100€, foi possível construir duas capelas modestas, mas estáveis. A alegria é grande entre os fiéis! Muito obrigado a todos os que ajudaram!

Carta de um benfeitor...

O Espírito Santo sobre o mundo inteiro

Paz e bem. Estão de parabéns por todo o trabalho que têm feito durante vários anos em prol das pessoas mais carenciadas e que tanto sofrem por gentes que as atormentam e perseguem, incluindo destruição de igrejas e tudo quanto é mau, pilhagens e assassinatos. Quantos sofrimentos no mundo inteiro por pessoas sem escrúpulos que só pensam fazer mal. Peço a Deus que lhes dê força e ânimo para suportar tão duros tormentos e que envie o Espírito Santo sobre o mundo inteiro e que os que só pensam fazer mal aos outros tomem o uso da razão e se convertam e amem a Deus nosso Pai e a Santíssima Trindade, para não fazerem mal às pessoas tão indefesas que não se podem proteger dos horrores dos malvados.



Regina Lynch
Presidente Executiva

Queridos amigos,

Através do meu trabalho na Fundação AIS, tenho tido o grande privilégio de conhecer pessoas que se caracterizam por uma fé profunda e que deixaram em mim uma marca indelével. A maior parte delas eram desconhecidas e não se teriam destacado numa multidão. No entanto, todas elas tinham uma convicção comum: independentemente das aflições que enfrentavam neste mundo, depositavam a sua esperança no outro mundo, onde o seu sofrimento terminaria e se uniriam a Deus.

Conheci uma destas testemunhas de fé na China, no fim da década de 1990. O Bispo D. John Han Dingxian, da Diocese clandestina de Yongnian, foi preso 11 vezes pelas autoridades porque se recusou a submeter-se às severas restrições do regime comunista. Tive oportunidade de o conhecer durante um dos curtos intervalos entre a prisão domiciliária e a prisão. Lembro-me bem da sua alegria e do seu humor e da ausência de qualquer amargura em relação aos seus opressores. Era um exemplo vivo do ensinamento de Cristo de dar a outra face. Alegadamente, o Bispo Han morreu de doença em Setembro de 2007, estando sob custódia policial. O seu corpo foi cremado antes de a sua família e os fiéis terem tido oportunidade de se despedirem dele.

Que a coragem do Bispo D. John seja uma fonte de esperança para cada um de nós em tempos de sofrimento.

Regina Lynch



Fundação AIS

ACN PORTUGAL

PROPRIEDADE
Fundação AIS,
R. Prof. Orlando Ribeiro,
5-D, 1600-796 Lisboa
Tel. 217 544 000
apoio@fundacao-ais.pt
www.fundacao-ais.pt

EDITOR: ACN International
Postfach 1209, D-61452
Konigstein - Alemanha
**Presidente ACN
Internacional:**
Regina Lynch

**DIRECTORA AIS
PORTUGAL:**
Catarina Martins
de Bettencourt
REDAÇÃO: Eva-Maria
Kolmann, Ana Vieira
e Filipe d' Avillez

Assinatura anual: €5,00
Periodicidade: 8 edições anuais
ERC: 119560 ISSN: 0873-3317

IMPRESSÃO: Gráfica Artipol

Membro: Associação de Imprensa
Inspiração Cristã



FUNDAÇÃO
PONTIFÍCIA